



PAULO DO CARMO MARTINS

MÃO DE OBRA CARA

Sou economista, e dizem que os economistas são teóricos. Eu concordo, se o conceito de teoria não for o oposto ao conceito de prática. Para mim, teoria é sinônimo de prática. Teoria é um enunciado que foi aprendido com uma prática. Então, teoria tem a ver com a realidade.

Você está achando esta conversa muito abstrata? Pois, vamos para algo mais concreto. Por exemplo, o que faz um bem ou produto ter muito ou pouco valor? Para a maioria das pessoas, esta pergunta tem uma resposta óbvia e não exige muita reflexão. O que dá valor a um bem é o grau de utilidade desse bem, não é mesmo? Assim, quanto mais útil for um produto, mais caro ele é. Mas vamos testar esta afirmação.

Pare de respirar! Quanto tempo você consegue? Só isso? É evidente que você já sabia que o ar é de total utilidade. Sem ele, não vivemos. Mas, então, por que o ar é de graça, não tem valor? Por outro lado, o ouro está cotado a R\$ 106 mil o quilo! Ué, mas qual é a utilidade do ouro? Eu estou chegando a meio século de vida sem nunca ter usado uma peça que tenha sido pelo menos banhada em ouro, e nunca senti falta.

Você e eu concordamos que é perfeitamente possível viver uma vida toda sem contato com ouro, ao contrário do ar, não é mesmo? Uai, sô! Então, por que o ouro tem valor e o ar não tem? O que realmente dá valor às coisas? O que faz algo ser barato ou caro? Os economistas estudaram isso e concluíram que o que dá valor a um bem não é a sua utilidade, mas a sua escassez. Então, quanto mais escasso, mais valor ou mais caro é um insumo ou um produto. Por outro lado, quanto mais abundante, mais barato será.

Os dados do IBGE mostram que, no Brasil, o salário do homem é maior que o da mulher, mesmo quando ambos exercem atividades idênticas. A mão de obra masculina ainda vale mais do que a feminina em função de uma tradição histórica. No passado, numa sociedade agrária, a força animal e a força humana eram as únicas opções para a produção de bens agrícolas. A produção de roupas, o preparo de alimentos ou o cuidado com as crianças, atividades de utilidades fundamentais, não eram precificadas, ou seja, não tinham valor, pois eram consideradas rotina feminina - as chamadas prendas domésticas. Na prática, era o que a mulher tinha como tarefa para ter direito à comida e proteção.

Então, quando nascia um homem, o pai ficava feliz, pois haveria mais força de trabalho, um a mais para gerar riqueza. Quando nascia uma mulher, era uma tentativa mal-sucedida de expandir a força de trabalho. Era, portanto, uma frustração da possibilidade de expansão da riqueza. Essa lógica tem os seus resquícios até hoje, quando já não precisamos mais fazer força nem para trocar o canal da TV, e explica por que a mulher recebe menos que o homem.

Vamos refletir sobre um fato ocorrido há cerca de um século atrás. No início do século XX, os Estados Unidos conseguiram gerar excedente de alimentos numa proporção nunca vista na história humana. Eles resolveram introduzir tratores no campo, o que resultou no aumento da produtividade. Com isso, a alimentação americana ficou mais barata, confirmando nossa teoria, ou seja, o que se torna abundante para a ser barato. O que os americanos fizeram foi uma revolução que chamou a atenção do mundo inteiro.

Naquela época, o governo japonês negociava emigração com outros governos, como forma de reduzir a fome em seu território. O Japão sofria uma pressão imensa de escassez de alimentos. Com o sucesso da experiência americana, eles resolveram importar tratores e começaram a produzir usando estas máquinas. Imaginavam que seria possível aumentar a oferta de alimentos e, com isso, reduzir a emigração de

japoneses, induzida pelo governo para os Estados Unidos e América Latina, o que incluiu o Brasil.

Mas não houve aumento de produção de alimentos. A pergunta que ficou foi a seguinte: por que o uso de trator nos Estados Unidos gerou aumento da produção, e no Japão, não?

Esse caso foi muito importante para que o mundo aprendesse a planejar inovações na agricultura. Com ele, aprendemos qual é a lógica que opera as transformações. Nos Estados Unidos, há um século, havia muita terra e poucos americanos. Terra em abundância tornava o hectare barato, e poucos americanos significava escassez de trabalhadores, o que tornava o trabalho caro. Quando os americanos resolveram adotar tratores na produção agrícola, eles expandiram a disponibilidade de força de trabalho, por meio da tração mecânica.

Se o fator impeditivo para o aumento da produção era esse, é claro que a produção cresceu, pois mais hectares de terra foram incorporados ao processo produtivo, ao mesmo tempo em que os territórios existentes também aumentaram a produção pelo aumento de produtividade, pois mais força motriz estava disponível para o cultivo das fazendas existentes.

No Japão, era outro o fator de restrição ao crescimento da produção de alimentos. O Japão é um somatório de ilhas, todas, bastante montanhosas, como Minas Gerais, num território pequeno. Naquela época, já havia muitos japoneses para pouca terra. Quando eles resolveram usar tratores para produzir alimentos, aumentaram a disponibilidade de força de trabalho, pois o trator compete com a mão de obra, onde esta é abundante. Para um país que estava "exportando" trabalhadores, a chegada do trator somente agravou o

problema. O que o Japão precisava era aumentar a disponibilidade de terras, e não a disponibilidade de força de trabalho.

Aquele povo fez, então, uma tentativa de incorporar novos territórios, por intermédio da guerra, tentando invadir e se apoderar da Coreia. Mas criou um mega problema com a China e a Rússia, e perceberam que por invasão não resolveriam o problema. Somente "incorporaram mais terra", digamos assim, décadas depois, quando houve uma revolução tecnológica mundial. Foi a chamada revolução verde, ou seja, o uso de fertilizantes e adubos, sementes e novas práticas de produção que, em essência, aumentaram a produtividade da terra no Japão e em todo o mundo. Só assim eles tiveram uma melhoria na oferta de alimentos e queda no preço da comida.

Agora, vamos voltar ao Brasil. Em qualquer roda de conversa de produtores de leite, sempre surge o comentário sobre a carência de mão de obra e seu alto custo, quando disponível. Argumenta-se que o salário mínimo subiu muito nos últimos anos, acima da inflação e do preço do leite, o que é verdade. Mas para reter trabalhadores, muitos produtores estão pagando mais do que o salário mínimo, livre de despesas de moradia, luz e encargos sociais. Com isso, o peso da mão de obra vem crescendo no custo de produção.

Creio que isso é apenas o começo. É uma tendência que veio para ficar. Então, a mão de obra se transformou em restrição ao crescimento da produção. Estamos chegando à situação americana um século depois. É preciso aumentar a produtividade da mão de obra, e isso passa, necessariamente, pelo uso mais intensivo de máquinas em substituição ao trabalho humano na produção de leite. Esse é um caminho sem volta! Precisamos iniciar um debate urgente a este respeito! ■

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, pesquisador da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

O peso da mão de obra vem crescendo no custo de produção. Isso é apenas o começo. É uma tendência que veio para ficar

Qualidade do leite e as novas tendências

BALDO BRANCO

ENTREVISTA
A pesquisa e o genoma por
MARCOS VINÍCIUS SILVA
da Embrapa Gado de Leite

Reprodução e as estratégias que dão resultados

Gestão garante qualidade, produção e futuro no leite

A qualidade da dieta determina a composição do leite

SUSTENTÁVEL

Produtor de leite usa biodigestor há quatro anos e afirma que não vive sem ele. Pela ação dos microrganismos nos dejetos obtém energia, adubo e ainda preserva o meio ambiente